

João Caupers

Reflexões sobre a Europa

Passeando por Cracóvia, decidi visitar uma livraria que me tinha sido recomendada por um amigo. A livraria Massolit, especializada em livros em língua inglesa – por muito que goste de livrarias, é deprimente visitar uma em que os livros estão escritos numa língua para mim quase totalmente incompreensível.

O ambiente – velhas e acanhadas instalações, empregados e frequentadores com aspecto de jovens intelectuais – tem um encanto sedutor. Faz lembrar às pessoas da minha geração a Barata dos velhos tempos, com os seus livros proibidos pela censura guardados debaixo do balcão.

Revistando estantes e folheando um pouco ao acaso, chamou-me a atenção um livro, pelo seu título: Fado. Intrigou-me a palavra e cheguei mesmo a admitir que fosse uma palavra polaca, com um qualquer sentido.

Mas não. A palavra é mesmo a nossa, portuguesa. Porquê num livro polaco? Não porque se trate de uma obra relacionada com Portugal, pois que o livro é composto por notas de viagem do seu autor, Andrzej Stasiuk, pelos países da Europa Oriental: Hungria, Roménia, Eslováquia, Albânia e, claro, a sua Polónia natal. Leiam-no e ficarão a saber a razão de ser do título.

*Num dos textos, intitulado (traduzindo do inglês) **A paródia como instrumento de sobrevivência do continente**, o autor reflecte sobre as razões que levaram os europeus de leste a serem irresistivelmente atraídos pela União Europeia (note-se que os textos que integram a obra foram escritos antes de 2006).*

Vale muito a pena ler o livro. Aqui vos deixo um aperitivo, sobre os temas do progresso e da liberdade.

João Caupers

(...) Será mesmo que nada mais nos atrai? Nada, para além de roupa elegante, ruas limpas, rendimentos superiores às despesas, e um número infinito de formas de ultrapassar o aborrecimento, quando este se torna uma fatalidade? Será que os nossos desejos se encontram confinados à salvação por via da igualização do produto interno bruto de Kiev a Lisboa? Era a nossa unidade realmente tão vazia e desprovida de conteúdo, que o livre fluxo de bens, serviços e capitais a preenche inteiramente?

(...) É verdade – a velha Europa fixou-se nela própria e nas suas virtudes. Mas é possível ser virtuoso para sempre? É possível melhorar impunemente aquilo que já parece perfeito ou desenvolver aquilo que já está desenvolvido, sem correr o risco de hipertrofia? Durante mais de meio século faltou à imagem da velha Europa um defeito, uma falta. Pode afirmar-se com segurança que a velha Europa estava tão preocupada consigo própria que não teve tempo para cometer um só pecado. Horrorizada com o seu passado, queria recuperar a sua inocência a qualquer preço. Provavelmente teve êxito. Evitou o ódio como se de uma praga se tratasse, ao mesmo tempo que reduzia as restantes emoções ao mínimo. Estendendo o espaço de liberdade até ao infinito, correu às cegas para uma contradição, através da qual se encontrou limitada pela sua própria falta de limitações. Foi isto mesmo que a conduziu para áreas em que a oferta de liberdades excederá provavelmente a procura. Dizendo de outra forma: existirão tantas liberdades que ninguém será capaz de as consumir a todas sem correr o risco de morte por indigestão. A liberdade tornou-se um bem de consumo cuja disponibilidade, paradoxalmente, constringe a sociedade. A ameaça da sua perda parece tornar-nos capazes de tolerar a sua imposição.

ANDRZEJ STASIUK, *Fado*, Dalkey Archive Press, Londres, 2009 (tradução do original polaco publicado em 2006).